

Moratória causou perda de US\$ 3 bi em créditos

SÃO PAULO — A decisão do Brasil de suspender o pagamento dos juros da dívida externa trouxe mais prejuízos do que ganhos ao País, que perdeu cerca de US\$ 3 bilhões (Cr\$ 204,9 bilhões ao câmbio comercial) em linhas de crédito à exportação desde que deixou de pagar os juros atrasados, afirmou o Presidente do Citibank, John Reed.

O Presidente do Citibank, que no segundo trimestre deste ano registrou uma perda de faturamento da ordem de 37% em relação a igual período do ano passado, em função dos atrasos nos pagamentos dos juros das dívidas externas brasileira e argentina, enfatizou que algumas das posições anunciadas por membros do Governo brasileiro, como a de que os bancos só receberão juros

atrasados se houver sobra de caixa, são simplistas:

— Para negociar com os bancos credores, o Brasil não precisa definir uma única posição. Existem bancos com interesses diferenciados e o Brasil pode apresentar propostas diferenciadas. Mas o fundamental é que essas propostas sejam encaminhadas diretamente ao comitê de bancos credores e não através de negociações isoladas, que não resultarão em nada — disse Reed, ressaltando que há bancos, que representam entre 30% e 35% do total da dívida externa do País, que querem negociar seus títulos e sair do rol dos credores, mas há outros, como o Citibank, que têm interesses em continuar investindo no Brasil e mantém em operação uma linha de crédito a exportações no valor de

US\$ 630 milhões (Cr\$ 43 bilhões).

Reed lembrou que a decisão do País de suspender o pagamento dos juros, trouxe prejuízos adicionais como a diminuição nos prazos do financiamento à exportação de 180 para 30 a 60 dias e o encarecimento das taxas de juros, de menos de 1% para algo em torno de 1,5% a 2%. Segundo o Chairman do Citibank, tanto o Brasil quanto a Argentina se encontrariam em uma situação intermediária à de países como México, Uruguai, Venezuela e Filipinas, que mantiveram seus pagamentos em dia e reúnem condições de participarem do mundo desenvolvido e à de outras nações como Nicarágua, Peru e Nigéria, que, segundo Reed, o mercado financeiro internacional já “riscou do mapa”.